

Entrevista

ENTREVISTA COM FRÉDÉRIC PAGÈS¹

Daniela Cruz*

* Doutoranda na Universidade Paris Ouest-Nanterre. Leitora do Ministério Brasileiro das Relações Exteriores. Paris, França. E-mail: danielafr@hotmail.fr

Frédéric Pagès é cantor, ator, jornalista, francês e vive uma relação muito intensa com o Brasil desde o fim dos anos 70 quando visitou o país pela primeira vez, ficando aqui durante nove meses, entre São Paulo, Rio, Salvador. De volta para a França trabalhou na « Rádio França », em Paris, em várias emissoras do grupo (France Inter, France Musique, France Culture) onde apresentou dezenas de programas inteiramente dedicados « à nova Música Brasileira » da época. No seu país, foi o primeiro locutor a tocar na rádio cantores como Djavan, Ivan Lins, Joyce, Luiz Gonzaga Jr. e artistas e grupos da vanguarda paulista como Arrigo Barnabé ou « Grupo Um ».

Sempre em contato com o Brasil, nos anos 90 passou a escrever na mídia brasileira em revistas como “Bravo”, “República”, “No.com.br”, “Cult”, e também no “Jornal do Brasil” e em revistas francesas como “Telerama”, “Les Inrockuptibles”, “Lire”, “Europe”, “Jazzman” e outras, sobre assuntos relacionados com o país. É interessante notar que em meio a esses, ele sempre foi um verdadeiro “desbravador”, abordando assuntos inéditos na França como a guerra de Canudos na revista “Telerama” ou sobre o crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, mais especificamente na região amazônica, na revista “Le Monde des Religions”.

Sempre muito ligado à literatura em geral, Frédéric foi um dos pioneiros na divulgação da obra de Guimarães Rosa no hexágono francês, tendo escrito um artigo em 1995 na revista “Telerama”, que provocou durante semanas um aumento absolutamente inesperado das vendas da tradução francesa do livro “Grande Sertão, Veredas”. Ainda sobre o escritor brasileiro, Frédéric Pagès também musicalizou e

¹ Site do entrevistado: <http://www.grand-babyl.info/index.php>

encenou no seu país, textos de João Guimarães Rosa assim como do escritor gaúcho, Raul Bopp sob a forma de espetáculos que ele chama de “shows literários” (concerts littéraires).

Durante as comemorações dos 500 anos de Brasil, enquanto autor, ele escreveu um espetáculo teatral para a cidade de Montreuil-sous-Bois sobre a vida de Villa Lobos do qual participaram 10 atores, 20 músicos profissionais além de um coro de 60 crianças, cantando cantigas tradicionais brasileiras em português. Também atuou na peça em questão, fazendo o papel do compositor brasileiro homenageado.

No âmbito da música, foi o primeiro produtor francês a produzir na Europa artistas como Hermeto Pascoal ou o grupo de música instrumental Pau Brasil.

Com uma discografia que conta com sete cds, nos últimos 15 anos, ele tem se dedicado inteiramente a sua carreira de cantor e intérprete, sendo que o Brasil, como veremos, entre outros temas, também ocupou uma grande parte...

Daniela Cruz - Procure nas suas lembranças, quais foram as primeiras imagens que você teve do Brasil. Essa primeira imagem influenciou esse desejo que mais tarde o incitou a conhecer o país?

Frédéric Pagès - Que eu me lembre, acho que a primeira imagem que eu tive do Brasil estava ligada à música. Acho que foi no fim dos anos 50 ou início dos 60, quando eu devia ter entre 11 e 12 anos. Na época, os aparelhos de televisão eram raros, ainda estávamos na era da tv em preto e branco, e só havia um único canal que inclusive eu ia assistir na casa de um tio meu vizinho.

Por que essa imagem me marcou tanto em meio às outras que vi quando criança? Difícil de responder...

Em todo caso, eu retomei contato com o Brasil pouco tempo depois, mais ou menos em 1966, por intermédio do Jazz desta vez. Na época, eu estava descobrindo esse outro estilo musical que desde então encantou a minha vida. E ao mesmo tempo, os músicos de jazz também estavam descobrindo a música brasileira e a divulgando no mundo inteiro. Lembro-me que Stan Getz tinha gravado na época « Garota de Ipanema » com Astrud, João Gilberto e Tom Jobim. Os primeiros vinis de Sérgio Mendes também começavam a chegar a Paris e eu fui logo me apaixonando por essa música. Adorei essa suavidade do ritmo, a sutilidade das harmonias que inclusive me faziam pensar na « música francesa » de Debussy e Ravel, além da criatividade melódica...Tudo isso não era nenhum mistério para mim. Por que? Predestinação ?

Mas, enfim, o interessante é que quando eu cheguei ao Brasil pela primeira vez, eu logo me senti em casa, algo que nunca tinha sentido em nenhum outro país estrangeiro.

Descobri, no entanto, alguns anos depois, falando desse sentimento com meu pai, que era oficial da marinha e que comentou comigo na época: « você sabia que no dia do seu nascimento, eu estava em missão num barco da marinha no Rio de Janeiro? »

Há muitos mistérios nesta vida...

Daniela Cruz - Quando você foi ao Brasil pela primeira vez ? O que o incitou a ir ao país na época ?

Frédéric Pagès - Eu viajei para o Brasil pela primeira vez em um navio cargueiro que saiu do porto do Havre, no Norte da França, em outubro de 1979. Essa viagem foi o fruto de muitos anos de sonhos e de vários meses de preparativos. Esses sonhos foram se formando por conta da literatura, mas também da música brasileira como eu acabei de dizer. Eu me lembro que na época, eu devorava os livros de Blaise Cendrars, um escritor franco-suíço, que foi nos anos 20/30, um grande amigo e parceiro de modernistas como Mario e Oswald Andrade em diversos projetos artísticos. Cendrars pintava imagens palpitantes e inacreditáveis do Brasil que me convidavam a viajar, e a viajar de barco para fazer uma grande e bela viagem.

Quanto à música, eu já era cantor e compositor e tentei até cantar em português, provavelmente com um sotaque horrível, canções como « Chega de saudade » ou ainda « Tarde em Itapuã ». Nos anos 70, pouquíssimos vinis brasileiros chegavam à França, mas eu já me sentia transportado, entusiasmado pela qualidade (texto e música) do que chegava de lá. Lembro-me, por exemplo, que um amigo meu me trouxe de uma das viagens o disco « Minas » de Milton Nascimento. O problema é que ele havia perdido o encarte do disco onde estavam todos os créditos e letras das canções. Na capa, não havia nenhuma informação sobre a gravação, nem mesmo o nome do artista, somente a palavra « Minas » e a foto de Milton em destaque. Ficamos reduzidos a escutar como que no escuro essa música misteriosa, bela e solene quase religiosa, dizendo-nos que se isso era canção brasileira do momento, com essa criatividade espantosa, e essa qualidade de interpretação, o Brasil só podia ser um país extraordinário.

Na época, eu morava em Grenoble, no sul da França, onde eu estava começando a desenvolver um projeto cultural audacioso com músicos profissionais do local. Mas eu já tinha trabalhado bastante também como operário em usinas e juntado uma pequena poupança. O Brasil me atraía e como eu era solteiro e inteiramente livre, decidi viajar numa longa viagem, como se fazia na época no meu grupo de amigos. A maioria deles estava indo em direção ao Leste, principalmente para a Índia. Eu já queria ir para o Oeste, em busca do sol.

Daniela Cruz - Fale-nos dessa primeira viagem e diga-nos o que mais o marcou?

Frédéric Pagès - Conteí essa travessia magnífica que fiz na minha canção « Cargo Mixte ». Eu tive muita sorte : o tempo ficou bom em quase toda a viagem, com poucos dias nublados e algumas ondas às proximidades do Equador. Viajar de cargueiro é penetrar numa outra dimensão do tempo. Não é bom estar com pressa, tem que se ter tempo, e às vezes até semanas diante de si, receber as coisas tranquilamente : nós tivemos mais de 15 dias de atraso das datas que inicialmente foram previstas. O cargueiro teve um defeito e tivemos que fazer uma escala em Brest. Mas eu acho que nada ou quase nada teria conseguido me afastar do meu objetivo. Desde o momento em que partimos começou o encanto, dia após dia. Na França, o tempo estava péssimo (como sempre) : chuvoso, friorento e cinzento, mas à medida que avançávamos no Atlântico sul, a luz crescia, a temperatura subia, e alguns dias depois a gente já pôde tomar banho de piscina no convés do navio.

A tripulação era muito atenciosa conosco, eu tinha um camarote enorme e super confortável onde eu podia espalhar meus livros e cadernos numa mesa ampla. Pela escotilha, eu observava as brincadeiras do sol sobre as ondas e a dança dos peixes voadores. Mas sobretudo, eu subia tanto de dia quanto de noite na passarela do navio, onde ficava a direção do mesmo e de lá eu contemplava o oceano, assim como o horizonte infinito de todos os lados. Eu me sentia o rei do mundo.

Alguns dias depois começamos a captar a rádio brasileira que eu escutava com os outros passageiros jogando baralho. Um dia, lembro-me que escutei « Guarde nos olhos », canção magnífica de Ivan Lins com o solo da gaita de Maurício Einhorn, sem imaginar que um dia eu iria encontrar o Ivan, tornar-me próximo dele e acabar trabalhando com Maurício anos depois.

Daniela Cruz - Georges Moustaki disse-me em uma entrevista que o encontro com o Brasil teve um grande impacto na vida dele. E você? Esse contato com o país mudou algo em você ou na sua vida?

Frédéric Pagès - Para muitos de nós, em especial artistas, músicos, o Brasil foi « O encontro decisivo » a partir do qual tudo mudou. A gente não esquece uma marca dessas, no sentido positivo do termo. O Brasil mudou minha maneira de ver as coisas e minha forma de viver. De uma tal forma que às vezes eu me sinto quase um estrangeiro em exílio no meu próprio país, a França...

O Brasil é um país esplêndido, cheio de problemas mas extremamente vivo. Os brasileiros detem a arte suprema de saborear o instante presente e de manter à distância as obrigações chatas do « sistema ». Inclusive, às vezes, isso acaba sacaneando um pouco com eles, mas de uma forma geral, isso dá um gosto diferente

à vida. Há, sobretudo na base, uma alegria de viver que falta irrelutavelmente na França.

Daniela Cruz - Algo o surpreendeu durante essa viagem?

Frédéric Pagès - Talvez a forma de passar o tempo, justamente. Eu senti rapidamente que não adiantava nada me estressar ou me aborrecer, o que frequentemente acontece em Paris. No Brasil, ao contrário, é importante relaxar - ficando sempre vigilante, claro, mas com flexibilidade e o engraçado é que tudo acaba dando certo. Essa maneira de ser é muito ligada na minha opinião, à percepção do que se pode chamar de « divino » - sem que isso seja uma referência à religião. No Brasil, a relação humana é sempre constituída de três pessoas : eu, você e Deus. O encontro nunca é reduzido somente ao você e eu, ou seja, se você e eu previmos fazer alguma coisa, é bem possível que Deus (ou o que chamamos de Deus) tenha uma outra ideia sobre a questão que vá modificar completamente nossa programação. Nesse caso, é preciso ficar disponível para a mudança, escutar os sinais. Essa « presença divina » encanta completamente a vida. Na França, Deus (ou o Divino) se apaga facilmente porque as pessoas se afastaram dele. Mas dessa forma, a vida se torna incompreensível e sem alvo.

Daniela Cruz - Houve algo de engraçado que você poderia nos contar durante esse primeiro contato com o país?

Frédéric Pagès - Coincidências ou « sincronidades », como diria Jung, absolutamente inacreditáveis aconteceram. Antes de viajar para o Brasil, eu conheci um casal de franceses do sul, o Edmond e a Marinette que estavam prestes a se mudar para Salvador da Bahia. Como eu ia viajar antes deles, eles me deram logo o número de telefone da casa onde eles iriam morar. No início do ano de 1980, eu fiquei hospedado no Rio na casa de um médico chamado Eduardo que era amigo de amigos. Eu estava às vésperas de viajar para Salvador para passar o carnaval, quando Eduardo então me disse : « se você for a Salvador, você tem que encontrar com a Arlete ». A Arlete em questão era a fotógrafa Arlete Soares que estava organizando a obra do fotógrafo francês Pierre Verger, que vivia em Salvador na época. Por outro lado, eu era próximo de Cyva, do famoso Quarteto vocal em Cy, que me levava a festivais de canções, a gravações, e a shows. Como Cyva sabia da minha intenção de ir passar o carnaval na capital baiana, recomendou-me encontrar uma tal de Arlete. No caso, tratava-se da mesma Arlete da qual eu havia anotado cuidadosamente o número de telefone dado pelo meu amigo médico Edu. Até então, era apenas uma simples coincidência , mas quando eu cheguei a Salvador, peguei minha agenda telefônica para ligar para a tal Arlete e também

para Edmond e Marinette, que já haviam chegado e que iriam inclusive me hospedar na casa deles. Na hora de fazer a ligação me dei conta de que o número de telefone do casal francês era o mesmo da tal Arlete. Na realidade, Edmond e Marinette moravam na casa dela e ela que acabava de lhes deixar a casa. Todos os caminhos levavam a Arlete que acabei conhecendo. Ela era uma pessoa muito simpática, mas sempre me perguntei por que o destino (ou o divino) queria tanto que eu a encontrasse.

Daniela Cruz - Com relação a língua portuguesa, você fala fluentemente o idioma. Você já falava o português quando chegou ao Brasil? Como se deram os primeiros contatos?

Frédéric Pagès - Eu já tinha experimentado uma certa sensibilização a língua porque havia tentado cantar em português, mas eu não falava nada. Quando viajei para o Brasil, levei comigo um metodozinho de português de Portugal com o qual eu me exercitava no barco repetindo frases estúpidas do gênero « A família do professor é numerosa » com uma pronúncia lisboeta pois no kit do método havia também uma fita cassete. Mas de uma forma geral, as frases que eu havia aprendido no livro me foram úteis para pegar os primeiros táxis e me virar na rua. Depois tudo foi muito rápido, e dois meses após minha chegada, eu me dei conta de que eu já falava português. Um dia eu estava no Rio, na casa de Chico Buarque, conversando com um professor de universidade, amigo dele e percebi que me expressava sem dificuldades em português. Mais uma razão que me leva a pensar em algum tipo de predestinação.

Daniela Cruz - Que palavra em português representa mais o brasileiro ou o país?

Frédéric Pagès - Uma das palavras que melhor representa a mentalidade brasileira (apesar de que existem outras), é a palavra « jeitinho », palavra intraduzível em francês (quem sabe la « petite manière », le « petit procédé » ?) e que simboliza a extraordinária arte de se virar, do brasileiro, particularmente aquele que enfrenta situações difíceis e muitas vezes quase desesperadoras.

Daniela Cruz - Quando acompanhamos sua carreira, observamos que você sempre se propôs a fazer descobrir ao público francês assuntos inéditos. O que o motivava a agir dessa forma?

Frédéric Pagès - Na época, eu rapidamente me dei conta que os franceses em geral, e até mesmo os franceses cultos e informados em particular, conheciam muito mal o Brasil. Paradoxalmente, os brasileiros que haviam estudado conheciam bem a França e a sua cultura.

Havia assim um desequilíbrio que precisava ser corrigido. Além do quê, eu sempre gostei de divulgar minhas descobertas e partilhar meus encantos. Mas eu queria divulgar um Brasil de grande qualidade e na época isso era fácil pois o país estava em plena expansão de talentos no campo musical, um fenômeno único na história da música popular mundial : Tom Jobim, João Gilberto, Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi, Chico Buarque, Elis Regina, Milton Nascimento, João Bosco, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ivan Lins, Djavan, Gal Costa, Luiz Gonzaga Jr, Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Edu Lobo, Baden Powell, Luiz Eça, Leny Andrade, os irmãos Nazario, Rodolfo Stroeter, Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Marlui Miranda....a lista dos gênios da música em voga na época é quase interminável. E o mais incrível é que essas canções extremamente sofisticadas eram escutadas por um público de grande porte. Aliás, eu não sei como se pode explicar esse fenômeno. Em todo caso, isso dava vontade de falar, de dividir com os outros, e de tentar corrigir os clichês que se espalhavam e que representavam um Brasil completamente invadido de florestas e habitado por índios que andavam nus, que jogavam futebol e dançavam samba...

Em meio a isso, eu queria era falar entre outras coisas de São Paulo, da Vanguarda paulista que desbravava caminhos novos e da qual eu produzi na França shows, discos em particular do « Grupo Um » e do « Pau Brasil » e que também convidei para participar dos meus próprios discos.

Daniela Cruz - Falemos um pouco das suas relações entre música e literatura bases do seu trabalho. O que são os “shows literários”?

Frédéric Pagès - Os « Shows literários » ou « Concerts Littéraires » são encontros fecundos, « elétricos » entre textos e música, entre palavras e ritmos, entre sentido e som, um colorindo, reforçando e iluminando o outro para tentar chegar a uma espécie de magia do poema revelado que nos toca no mais profundo possível. Esse é o objetivo, nem sempre conseguimos alcançar o alvo, mas algumas vezes, vemos surgir, vindo do escuro do palco, esse navio iluminado evocado por Fellini em « Amarcord », essa grande e maravilhosa embarcação que vem preencher e curar, iluminar, nem que seja por um breve instante, as nossas existências laborosas e às vezes prisioneiras das artimanhas do « diabo ».

Mas para isso, é preciso que o texto « vibre », entre em vibração, isso tem muito a ver com o transe, no bom sentido do termo. Sentimos isso nas belas canções, na adequação quase milagrosa entre as letras e as músicas. Está escrito, não sei mais onde, que a divindade concebeu e criou esse universo em expansão, cantando e dançando e que não compreendemos nada desta história se nós mesmos não entramos nesse movimento musical e rítmico. Entretanto, essa « música » do

universo se exprime de diversas formas: no texto de Guimarães Rosa, por exemplo, ou dentro de uma catedral romana ou de Gaudi, o arquiteto catalão ou ainda no sabor supremo de um peixe frito com açaí saboreado na barraca de Dona Lúcia, no furdúncio do mercado do Ver-o-Peso, em Belém do Pará.

Daniela Cruz - Entre outros lugares, você apresentou em 2005 seu show literário “Récits du Sertão”, “histórias do Sertão” baseado em textos de Guimarães Rosa, no Centro Cultural Pompidou em Paris. Por que um espetáculo sobre Guimarães?

Frédéric Pagès - Justamente por causa dessa extraordinária musicalidade dos textos dele e também da dimensão misteriosa, mágica e ritualística da inspiração dele. Um dia eu escutei o filósofo paraense Benedito Nunes dizer que Guimarães Rosa escrevia em transe. Isso não me surpreendeu. Com « Grande Sertão Veredas », passamos para o outro lado das coisas na dimensão selvagem e sagrada da qual temos sede. Essa epopeia é o emblema do drama humano : é preciso negociar com o diabo para cumprirmos nossos destinos ? Tal é a pergunta que transcorre no romance. Mas cuidado : *o demônio não precisa existir para ser, somente se pensamos que ele não existe, aí ele ocupa tudo.*

Daniela Cruz - Em 1998, você participou da organização da Feira do livro de Paris, que é uma das mais importantes do mundo e que homenageava o Brasil. Como você atuou nesse evento? Qual a importância de ter participado de um evento dessa dimensão?

Frédéric Pagès - Em 1998, a literatura brasileira ainda era pouco divulgada na França e sobretudo havia pouquíssimos críticos que a conhecessem realmente. Os organizadores da Feira do Livro, e os grandes patrocinadores como a Fnac tinham muita vontade de homenagear o Brasil, mas não sabiam muito com o que eles poderiam se comprometer. Há alguns meses da abertura da Feira, eles começaram a se desesperar: eles haviam recebido a lista de autores que os brasileiros queriam enviar à Feira, mas com exceção de Jorge Amado e Paulo Coelho, eles não conheciam mais ninguém. Nos meses anteriores eu havia começado a publicar críticas literárias sobre alguns livros de autores brasileiros nas principais revistas culturais francesas : « Télérama », « Les Inrockuptibles ». Foi assim que os organizadores do evento resolveram me contactar quase implorando para que eu organizasse toda a parte cultural da Feira: encontros, mesas redondas, debates, shows, a escolha dos livros que seriam vendidos na livraria oficial da Feira, isto é, dos livros de autores brasileiros em português e de suas traduções francesas.

Foi uma tarefa difícil e uma grande responsabilidade. Eu tive carta branca para muita coisa: convidar os escritores que eu quisesse, organizar encontros no « Café

literário » da FNAC do qual aliás eu mudei completamente a fórmula etc. Resultado: nós organizamos a melhor Feira do livro de toda a história das Feiras do livro de Paris, em termos de frequência de público, um record que nunca foi batido até os dias de hoje; do ponto de vista da venda de livros dos países homenageados, o índice dessas vendas nunca mais foi alcançado. Uma só tristeza: eu havia recomendado ao livreiro certas quantias de livros em edições brasileiras de autores como Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Moacyr Scliar e outros, mas no momento de oficializar as encomendas, o livreiro teve medo, e encomendou apenas a metade do que eu havia sugerido. Acontece que os livros desses grandes autores em língua original foram todos vendidos em algumas horas, já no primeiro dia da Feira. Nós poderíamos ter encomendado tranquilamente pelo menos quatro vezes mais da quantia encomendada. Mas ainda assim nenhum outro país homenageado nas Feiras de livros de Paris vendeu tantos livros quanto o Brasil, nem mesmo os Estados Unidos, Alemanha ou Japão.

Quanto aos debates, eles ficaram todos lotados em permanência, numa efervescência e entusiasmo inéditos, uma verdadeira novidade pois nas Feiras passadas o público rejeitava os encontros que eram muito sérios e fastidiosos. No encontro que apresentei e no qual associei Chico Buarque e Raduan Nassar quase tivemos confusões para entrar pois todo mundo queria assistir ao encontro.

Mas eu não posso esquecer de mencionar que a equipe da Feira do Livro de Paris da época, dirigida por Jean Sarzana, que aliás se apaixonou perdidamente pelo Brasil, o que facilitou muito as coisas, era particularmente dinâmica e criativa.

Daniela Cruz - Em 2005 você fez um trabalho similar na Bienal do livro do Rio de Janeiro onde você lançou o Cd “Cobra Norato”. Como os Brasileiros receberam o evento?

Frédéric Pagès - Em 2004, o Brasil homenageou a França na Bienal do livro do Rio para agradecer a homenagem feita na Feira de 1998 em Paris. Dessa vez, pude acompanhar o evento desde o início pois a Embaixada da França no Brasil me pediu para tomar conta da programação cultural, ao lado de Laetitia Daget, que coordenava o evento inteiro com muita competência, diga-se de passagem. Conseguimos dar nossa opinião em detalhes importantes, como por exemplo na arquitetura e no mobiliário do pavilhão da França que concebemos de forma calorosa e um pouco « barroca », ao invés do universo « muito limpo » e frio que nos haviam inicialmente proposto. Tentamos sobretudo evitar uma programação « narcisista » onde a França só falaria dela em todos os âmbitos. Propusemos um programa França-Brasil onde a relação do país homenageado com o Brasil foi evocada em debates, ciclos de encontros ou entrevistas em público como « Meu caso com a

França » (Mon histoire d'amour avec la France) onde eu pude convidar escritores, editores e artistas brasileiros diversos. Todos esses eventos foram regados a vinho... chileno, pois os produtores franceses ficaram com medo e não entenderam que a moda do vinho estava chegando ao Brasil. Também havia alguns salgadinhos para receber a plateia numerosa e visivelmente contente.

Daniela Cruz - Como nasceu a ideia de musicalizar Raul Bopp?

Frédéric Pagès - « Cobra Norato » era um projeto antigo que havia nascido ainda em 1998, quando conheci na Feira do Livro de Paris, Christine Moreau, editora e co-tradutora da versão francesa desse poema genial que atrai tanto a musicalização. E modéstia à parte, confesso que não foi muito difícil, com a cumplicidade do percussionista Xavier Desandre-Navarre, compor as músicas e elaborar as matérias sonoras que fusionavam tão bem com o texto de Raul Bopp nessa excelente tradução francesa. « Cobra Norato » é um cd, mas é também um show literário que apresentamos frequentemente na França e no Brasil. No palco, Xavier consegue recriar um ambiente musical de uma riqueza prodigiosa, uma verdadeira floresta amazônica de sons que se encaixa no texto e transporta completamente o espectador. Além do mais é uma obra que eu adoro dizer/cantar e acho que como no caso de Guimarães Rosa, o público consegue perceber a nossa paixão pelos escritores, o acaba nos aproximando muito dele.

Daniela Cruz - O cd “Lettre Océan” lançado também em 2005 tem a participação de artistas brasileiros como as cantoras Mônica Salmaso e Paula Morelembaum, os músicos Mauro Rodrigues, Lelo Nazario e outros. Qual a importância da contribuição desses artistas nesse cd? Que Brasil você procurou mostrar nele?

Frédéric Pagès - Em 2005 por ocasião do « Ano do Brasil na França », eu quis realizar um antigo sonho : fazer um « cd-diário de viagens no Brasil » com os músicos com os quais eu já vinha trabalhando durante todos esses anos, uma espécie de « livreto que fala, canta » e que conta minha relação no Brasil e alguns dos meus percursos geográficos e encantos nesse país continente. Como meus mestres escritores Jacques Audiberti e o cantor-escritor Claude Nougaro, eu acho que os poemas se aborrecem dentro dos livros e que eles têm vontade e necessidade de virem para luz, para o lado de fora, para se casar com a música, a fim de manifestar todas as suas forças de expressões, todos os seus « poderes », porque o verdadeiro poema e o texto literário autêntico (visto que há muitas imitações sem nenhum interesse) têm um verdadeiro poder, um poder de cura profunda. Eu levo sempre comigo essa utopia do livro sonoro que seria um poema total.

Nesse sentido, tentei avançar com meu cd « Lettre-Océan/ carnets de voyages aux Brésils ». Meu projeto me impunha gravar em quatro lugares diferentes do país, em quatro estúdios, com quatro equipes de músicos e engenheiros de som entre outros, no Rio, em São Paulo, Belo Horizonte e Belém. Foi uma bela aventura apesar de ter sido um pouco acrobática e eu gostei muito do resultado. Da travessia em cargueiro se vai até a floresta amazônica, do Cristo Redentor, vai-se até a solidão de Minas, evocando e cantando os « meus Brasis » com a cumplicidade de artistas que eu aprecio e admiro muito como Paula Morelembaum que conheço há mais de 30 anos e de quem acompanhei toda a carreira, inclusive eu participo da canção « Seule » no penúltimo disco dela.

Participam também Mônica Salmaso com quem cantei no palco da Aliança Francesa de São Paulo, e que como Paula continua essa tradição da canção brasileira de alta qualidade.

Além delas e da cantora paraense Andrea Pinheiro que também tem uma voz magnífica, toda uma equipe de parceiros, arranjadores e músicos trabalhou no cd como Rodolfo Stroeter, Lelo Nazario, Dudu Trentin, Mauro Rodrigues, Juarez Moreira, Albery Albuquerque, o trio Amaranto, o grupo Manari

Daniela Cruz - Em 2009, você participou também do ano da França no Brasil apresentando em seus shows literários textos de escritores franceses e brasileiros. Como se deu esse encontro de autores nessa proposta músico-literária? Por que você quis reunir artistas brasileiros numa homenagem à França?

Frédéric Pagès - Era um pouco a mesma ideia de 2005 : eu queria ilustrar a relação França-Brasil e o que era susceptível de aproximar os dois países. Eu, então, realizei o que eu desejava fazer também há muito tempo: um show literário inteiramente bilingue, em francês e em português, onde os autores brasileiros de uma certa forma « respondessem » aos escritores franceses ou correspondessem com eles. Do lado francês, eu quis privilegiar, mas não somente, os autores antilhanos dos quais a cultura tem muito a ver com o Brasil. As Antilhas são um território da América que conheceram a escravatura, a mestiçagem etc. Sendo assim, quase que desenterrei dois textos de inspiração próxima que inclusive tinham o mesmo título « Batuque », um pertence ao escritor afro-brasileiro de Belém Bruno de Meneses e o outro é de autoria de Aimé Césaire, um dos nossos grandes escritores. Juntei então dos dois poemas, que são super ritmicos, para compor com Xavier uma única música em que esses dois textos se respondem perfeitamente e manifestam uma cumplicidade poética entre os dois autores que aparentemente não se conheciam. Nesse show literário, eu passo de uma língua para a outra, às vezes dou réplicas em francês no interior de um texto em português.

Associei ainda neste espetáculo alguns textos de Guimarães Rosa e de dois autores amazônidas e injustamente desconhecidos: Dalcídio Jurandir e Max Martins. Apresentamos esses shows literários nas Feiras do livro de Belém e de Porto Alegre e ainda em Diadema. O público parece ter entendido a nossa proposta e eu fiquei muito contente por isso tudo.

Daniela Cruz - Desde o “ano da França no Brasil” em 2009, você está trabalhando num projeto muito interessante em Diadema em SP. Que projeto é este? E qual a importância dele para você e para Diadema?

Frédéric Pagès - Como eu sou um pouco supercioso e esse projeto é realmente muito importante, mas ainda está em plena construção, não falarei muito sobre. Mas posso adiantar que trata-se de um projeto que mais uma vez tem a ver com literatura e música, mas dessa vez num outro registro, que é o Hip-hop em Diadema, perto de São Paulo, onde a prefeitura investiu durante anos entre outros, num trabalho cultural muito profundo nessa área. Lá há, por exemplo, uma « Casa do Hip-hop » onde jovens artistas locais e muito competentes se produzem regularmente.

Em novembro de 2009, depois de um encontro em Paris com o prefeito de Diadema, Mário Reali, nós fizemos uma primeira intervenção muito promissora : tratava-se de propor a esses jovens rappers trabalhar sobre autores da literatura brasileira como Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e Max Martins. O projeto agora vai evoluir nessa linha e a partir desse primeiro contato, mas agora com outras ambições. É tudo o que eu posso dizer por enquanto...

Daniela Cruz - Depois de todos esses anos que você vive em relação com o Brasil, o que este país representa para você?

Frédéric Pagès - O Brasil se tornou sem dúvida alguma minha segunda pátria. Tudo o que acontece nele me toca muito. E agora que ele está emergindo cada vez mais, eu quero muito contribuir do meu jeito para esse crescimento pois eu me sinto parte dessa aventura. Talvez porque eu devo ter algum brasileiro dentro de mim.

Daniela Cruz - Você esteve recentemente no Brasil, como você sentiu o país?

Frédéric Pagès - Eu senti que as coisas estão mudando, mas não da mesma maneira e infelizmente não em todo o país, o que às vezes acentua ainda mais os contrastes que já são extremamente visíveis entre as classes sociais e entre as regiões. Nesse movimento, eu sinto que São Paulo e região Sudeste estão adiantados em todos os pontos de vista. Desde muito tempo a cidade lidera em matéria econômica, e o estado é também agora a locomotiva cultural do país.

O perigo nisso é que São Paulo avance e que as outras regiões estagnem ou atrasem ainda mais. Nesta emergência do Brasil, há vários pontos cruciais a colocar em evidência. O primeiro é a enorme diferença entre as classes sociais, que corre o risco de se agravar ainda mais e toda a violência que isso pode acarretar. No coração desse problema está ainda a questão absolutamente essencial da corrupção. Recursos financeiros existem para tirar o Brasil desta situação mas eles são desviados o tempo todo.

Como consequências dessa questão estão dois pontos negativos: a saúde pública e a educação que suscitam duas perguntas imediatas: de que saúde e de que educação estamos falando? Será que estamos falando do bem-estar da população ou do comércio histórico de medicamentos que se expande e se baseia no sofrimento e na doença? Estamos falando de uma educação que permita ao ser humano aprender a aprender e a desenvolver sua criatividade ou de um treinamento humilhante de baixa qualidade.

Enfim a situação do Brasil é cheia de promessas, mas na minha opinião, o país e seus responsáveis devem responder clara e corajosamente às perguntas propostas, senão a euforia e esses eventos tão esperados (Copa do Mundo, Olimpíadas...) podem se transformar num grande pesadelo.

Daniela Cruz - Você está gravando o próximo CD. Podemos esperar mais imagens do Brasil?

Frédéric Pagès - O meu próximo CD evocará a maneira como eu percebo a época em que nós vivemos. Inclusive o título já é uma indicação: «Entre delícias e terrores». De um lado temos as nuvens se juntando e os perigos rodeando, é o terror, um terror mascarado pois não sabemos exatamente onde e quando e como ele vai se manifestar. Quem faz o quê? Quem mente e quem diz a verdade?

Tentei expressar essas dúvidas e interrogações em uma canção que coloquei no youtube (basta teclar «je suis dans la danse étrange» no youtube) e que fará parte do meu próximo CD.

A situação atual é interessante no que diz respeito à imposição da lucidez e da coragem. Não podemos cair nas armadilhas da mercantilização geral das relações humanas que é uma das formas de corrupção e que acarreta um sucateamento perigoso do planeta. Cada um de nós, tem, claro, direito a um mínimo de conforto. Mas ter como perspectiva na vida apenas a acumulação de bens é uma forma inapta e absurda de preencher o vazio e não proporcionará nenhuma forma de felicidade.

Mas em meio a esta confusão, resistem ainda algumas delícias, esses momentos de graça em que a harmonia e a beleza se manifestam e nos preenchem. É desta

forma que o Brasil encontra-se de novo presente em mais um CD meu. No caso, na evocação do amanhecer do dia na floresta amazônica, lugar de delícias ameaçado pelas forças sombrias do terror.